

Inflação e dívida afastam investidores japoneses

Foto de Robson de Freitas

Os japoneses só farão novos investimentos diretos no Brasil quando o Governo brasileiro solucionar o problema da dívida externa e a inflação estiver mais baixa. A afirmação foi feita ontem por Setsuya Tabuchi, Presidente da Nomura Securities, a maior corretora do mundo, acrescentando que há grande interesse em conversão de dívida em investimento. Tabuchi está no Brasil desde a semana passada liderando uma missão de 40 pessoas ligadas a 27 das 93 corretoras da Bolsa de Tóquio.

Essa comitiva visitou ontem as instalações da Bolsa do Rio e almoçou com os Secretários Estaduais de Indústria e do Comércio, Victório Cabral, e da Fazenda, Jorge Hilário Gouvêa Vieira, e empresários financeiros, a convite do Banco Bozano, Simonsen.

Durante a visita à Bolsa, Setsuya Tabuchi descartou a hipótese da formação no Japão, a curto prazo, de um fundo para comprar ações de empresas brasileiras, apesar de o Ja-

pão ser atualmente o país que mais exporta capital.

— Nosso objetivo é conhecer de perto a realidade econômica brasileira, de que tanto se fala pelo tamanho do endividamento e pelas potencialidades de crescimento. Como depositamos grande confiança no Brasil, queremos estar informados sobre sua realidade interna para fazermos negócios quando a renegociação da dívida estiver pronta — afirmou.

O principal objetivo da Nomura em termos de realização de negócios está relacionado à aprovação do projeto de conversão de dívida em investimento. Depois de ressaltar seu interesse por ações de empresas com porte internacional e de participar de projetos nas áreas de alta tecnologia, como informática e biotecnologia, Tabuchi deixou claro que sua meta inicial é intermediar negócios relacionados à conversão. Segundo ele, os investidores japoneses se retraíram quando o Brasil deixou de pagar os juros da dívida e “ficou sem credibilidade junto à comunidade fi-

6 externa
nancelária internacional”.

A Nomura não é credora do Brasil, mas os bancos e o Governo japonês detêm aproximadamente 13% do endividamento externo brasileiro. Há interesse em converter parcela proporcional ao que os outros países transformarem em investimento.

Setsuya Tabuchi preferiu não comentar a melhor fórmula de conversão, sugerindo apenas que o Governo brasileiro desse mais de uma alternativa, cabendo a opção ao credor. Segundo ele, os japoneses preferem a fórmula de conversão em investimentos. Ressaltou ainda que, “assim como certas regras da natureza, certas regras do mercado internacional devem ser seguidas”, referindo-se à hipótese de aplicação de deságio no caso de conversão. Se no momento da conversão a dívida brasileira estiver sendo negociada com deságio, não adianta querer fazer a troca pelo valor de face do título. Mas, dependendo do esforço do Governo brasileiro, o deságio em vigor poderá ficar menor, explicou.

Dificilmente a maior corretora do mundo fará, numa primeira fase, investimentos diretos na economia brasileira. Tabuchi contou que a Nomura perdeu muito dinheiro no Brasil por causa da inflação. Entre seus negócios no mercado brasileiro figuram a participação minoritária no capital do Banco Bozano, Simonsen e uma fazenda experimental em Araxá (Minas Gerais) para criação de gado e agricultura em cerrado, onde já foram investidos US\$ 20 milhões (CZ\$ 1,06 bilhão). Enquanto isso, outros investidores japoneses perderam muito na indústria siderúrgica e em estaleiros. Por isso, preferem agora esperar um pouco e até pagar mais caro, mas com menos risco.

A instalação de uma filial no Brasil também está difícil porque o mercado de capitais brasileiro ainda é muito pequeno. Localizada em Tóquio, a Nomura teve receita de corretagem, no exercício de outubro de 1986 a setembro de 1987, de US\$ 7,2 bilhões (CZ\$ 381,6 bilhões).



Dirigentes das principais corretoras japonesas visitaram a Bolsa do Rio